

## DA EMERGÊNCIA DE FORMAS COMPOSTAS PARA A EXPRESSÃO DO ANTEPRETÉRITO: CONSTRUTOS MORFOSSINTÁTICOS E SEMÂNTICOS

ON THE EMERGENCE OF COMPOUND FORMS TO THE EXPRESSION OF THE 'ANTEPRETÉRITO': MORPHOSYNTACTIC AND SEMANTIC CONSTRUCTS

Márluce Coan<sup>1</sup>

Francisco José Gomes de Sousa<sup>2</sup>

Laila Cavalcante Romualdo<sup>3</sup>

### RESUMO

Em busca de indícios de emergência da forma composta de antepretérito, este artigo apresenta motivações morfofossintático-semânticas que conduziram ao processo de gramaticalização de *haver/ter* como auxiliares mais participio verbal. Via análise de dados provenientes de 1.680 cantigas medievais galego-portuguesas, a emergência do processo de gramaticalização de tempos compostos (*haver/ter* mais participio) é retratada mediante quatro parâmetros de análise, dois deles referentes à seleção argumental de sujeito e de objeto, um acerca do tipo de combinação verbal e, ainda, outro para verificação de marcas morfológicas da forma participial, para que fosse possível detectar estágios de gramaticalização atrelados a princípios como estratificação, divergência, persistência, especialização e decategorização. Dessa guisa, vimos que as ocorrências evidenciaram, predominantemente, falta de coincidência entre sujeitos de *haver/ter* e participio; noção de posse metafórica do objeto; combinação entre *haver/ter* muito mais com verbos que não contradizem a noção de posse e neutralização (masculino/singular) da estrutura participial. Ademais desses construtos contextuais que possibilitaram a gramaticalização de estruturas compostas de *haver/ter* no imperfeito mais participio, outros tempos verbais combinados com o participio, a depender do contexto, também manifestam a noção temporal de passado anterior a outro passado nas cantigas, quais sejam: presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo seguidos de participio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Haver/ter. Participio. Antepretérito. Lírica profana. Galego-português.

### ABSTRACT

In search of evidence of the emergence of the compound form of the *antepretérito* (past before), this article presents morphosyntactic-semantic motivations that led to the grammaticization process of the verbs *haver/ter* as auxiliaries plus verbal participles. Through the analysis of data from 1,680 medieval Galician-Portuguese songs, the emergence of the grammaticization process of compound tenses (*haver/ter* more participle) is portrayed through four analysis parameters, two of them referring to the argument selection of subject and object, one about the type of verbal combination and yet another to verify morphological marks of the participial form, so that it would be possible to detect grammaticization stages linked to principles

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Ceará, coanmalu@ufc.br, <https://orcid.org/0000-0001-7809-8624>.

<sup>2</sup> Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará, francisco.jose.letras@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6115-0107>.

<sup>3</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, lailacavrom@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6923-7442>.

such as layering, divergence, persistence, specialization and decategorization. This way, we noticed that the occurrences showed, predominantly, a lack of coincidence between subjects of *haver/ter* and participle; notion of metaphorical possession of the object; combination of *haver/ter* much more with verbs that do not contradict the notion of possession and neutralization (masculine/singular) of the participial structure. In addition to these contextual constructs that enabled the grammaticalization of structures composed of *haver/ter* in the imperfect tense plus participle, other verb tenses combined with the participle, depending on the context, have also manifested the temporal notion of past before another past in the songs, namely: *presente do indicativo* (present tense), *pretérito perfeito do indicativo* (simple past tense) and *pretérito imperfeito do subjuntivo* (subjunctive imperfect tense) followed by participle.

**KEYWORDS:** *Haver/ter*. Participle. *Antepretérito*. Profane lyric. Galician-Portuguese.

## Introdução: proposta e perspectivas analíticas

Analisamos, nesta pesquisa, as formas de codificação de antepretérito, nos termos de Bello (1984 [1847]), ou seja, as formas de expressão de um tempo passado anterior a outro passado. Esse uso, mais frequentemente expresso pela forma composta do mais-que-perfeito na atualidade, subjaz da noção de que essa estrutura tem a mesma função que a forma simples, cujas razões estariam assentadas em três critérios, conforme Ilari (1997): (i) as perífrases de “*ter*” mais participio comutam com as formas simples do verbo (cf. *tinha feito/fizera*); (ii) é impossível atribuir um mesmo sentido ao verbo “*ter*” quando principal e quando auxiliar; (iii) há indicação de uma única ação expressa por “*ter*” mais a base verbal, atribuída a um único sujeito.

A preferência pela forma composta, conforme Fiorin (1996), decorreria do fato de a forma analítica ter a possibilidade de expressar a relação de anterioridade e o aspecto perfectivo (concluso), enquanto a forma sintética representaria apenas a relação de anterioridade. Tal tendência/preferência pela forma composta, ao passar do tempo, pode ser constatada, também, em pesquisas realizadas por Gonçalves (1993), Coan (1997, 2003), Martins (2010, 2011), Freitag, Oliveira e Coan (2018) e Coan, Lima e Sampaio (2019).

Em busca de indícios da emergência de tal estrutura composta (*haver/ter* mais participio), optamos por analisar as cantigas trovadorescas galego-portuguesas, as quais, segundo Vasconcelos (1904, p. 780), “falam eloquentemente a favor da afinidade primitiva de lusitanos e galaicos”. Monteagudo (2012) também observa que foram os cancioneiros *galego-portugueses* que registraram as mais antigas manifestações literárias de nosso idioma. Trata-se de produções de um período em que a língua falada se desenvolve como língua literária por excelência. Ademais, conforme Lorenzo (1995), já na época medieval, as formas compostas têm muitíssimo uso.

Ao investigarmos vestígios do processo de gramaticalização de *haver/ter* mais participio como forma de expressão do antepretérito na lírica profana galego-portuguesa, detectamos que tal função não era expressa somente por *haver/ter* no imperfeito do indicativo mais participio, como ilustrado em (01). Esse valor de antepretérito foi observado em combinações outras com *haver/ter* no presente e no pretérito perfeito do indicativo, bem como no pretérito imperfeito do subjuntivo mais participio, conforme ilustram, respectivamente, os exemplos de (02) a (04).

- (01) Que muito m'el **HAVIA JURADO** / que me nom visse, mais, a Deus grado, / par Deus, donas, aqui é já. {Cantiga de Amigo: O meu amigo, que mi dizia, linhas 4-6}
- (02) Se sabedes novas do meu amado, / aquel que mentiu do que mi **HÁ JURADO?** / Ai Deus, e u é? {Cantiga de Amigo: - Ai flores, ai flores do verde pino, linhas 10-12}
- (03) Do que mi **HOUVE JURADO**, / pois mentiu per seu grado, / sanhuda lh'and'eu. {Cantiga de Amigo: Ai madre, bem vos digo, linhas 4-6}
- (04) Que alongad'eu ando d'u iria, / se eu **HOUVESSE AGUISADO** d'ir i, / que viss'a dona que veer querria, (...) {Cantiga de Amor: Que alongad'eu ando d'u iria, linhas 1-7}

Para garantir uma análise mais bem fundamentada, separamos essas construções verbais de *haver/ter* mais participio neutro (masculino/singular), que codificam um passado anterior a outro passado, em blocos analíticos, aos quais acrescentamos outro destinado somente para ocorrências de *haver/ter* mais participio flexionado no feminino e/ou plural, conforme exemplo (05).

- (05) E por levá'la quitaçom dobrada / se [me] queixou; e catei u jazia / eno padrom, e achei que **HAVIA** / de todo bem sa quitaçom **LEVADA**; (...) {Cantiga de Escárnio e Maldizer: Cirola vi [eu] andar-se queixando, linhas 15-18}

De posse dessas estruturas, analisamos seus contextos de ocorrência, especificamente por meio de fatores morfossintáticos e semânticos. Verificamos, primeiramente, se os sujeitos de *haver/ter* eram idênticos, em contraposição à seleção de sujeitos distintos (manutenção do significado original de posse de *haver/ter* e do significado adjetival da forma participial), já que sujeitos idênticos poderiam indicar um primeiro construto para a emergência da forma composta. Seguindo a perspectiva sintática, observamos o segundo argumento (objeto) de *haver/ter*, perspectiva alargada para o nível semântico, quando averiguamos a noção de posse codificada por esse objeto de *haver/ter*, com o intuito de detectar, para além da ideia de posse material, posse metafórica (quando o objeto representa posse inalienável) ou mesmo ausência de argumento. Ainda no âmbito semântico, consideramos as combinações entre *haver/ter* mais participio, com o fito de flagrar se suas ocorrências viriam adjuntas a participios que contradissem a noção de posse ou que contivessem lexema idêntico aos dos verbos *haver/ter* (como em: *havia perdido*; *tinha tido*, respectivamente). Não poderia ficar por menos o exame das marcas morfológicas que indicam concordância entre o participio e o argumento de *haver/ter* ou tendência ao uso do participio neutro (masculino/singular).

Estando prospectada a investigação, seguem-se os procedimentos metodológicos, na seção segunda, e dois blocos analíticos nas seções terceira e quarta. Especificamente nesta última, correlacionamos os resultados aos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991): *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *de categorização*. Consideramos mais oportuno, em se tratando do tema em pauta, proceder desse modo a apresentar separadamente e primeiramente o referencial teórico. Cremos que a visão em conjunto, em se tratando de fenômenos históricos, serve para validar resultados, além de conferir profundidade à pesquisa, já que é com base

em nossas teorias que produzimos conhecimento sobre o passado. De acordo com Lass (1980), é o ato intelectual humano que engatilha provas do passado em sequências coerentes.

### 1. Procedimentos metodológicos: contextualização e *corpus*

Os dados sob análise foram coletados a partir da leitura de um conjunto de 1680 cantigas medievais galego-portuguesas, denominadas de profanas ou de corte, disponíveis no site: <https://cantigas.fcsh.unl.pt> (LOPES *et al.*, 2011). Tal base de dados online, resultado do projeto *Littera* (Edição, atualização e preservação do património literário medieval português), inclui a totalidade das cantigas medievais dos cancioneiros galego-portugueses, bem como as respectivas imagens dos manuscritos, para conferência de dados. As cantigas provêm de três recolhidas trovadorescas, quais sejam: o *Cancioneiro da Ajuda*, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e o *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana*. Ademais, os textos estão divididos em diversos gêneros, como cantigas de amor, de amigo, de escárnio e maldizer e outros gêneros menores, a exemplo das cantigas de *tenção*, de *espúria* e as de *sirventês moral*.

O corpus em questão refere-se à produção feita durante o período denominado de galego-português, ou, ainda, português arcaico, antigo ou trovadoresco (conforme, respectivamente, Cuesta, Leite de Vasconcelos, Lindley Cintra e Serafim da Silva Neto *apud* Castro, 1988, p. 12), período que se inicia em torno do ano 1200 e vai até cerca de 1385 a 1420 (em torno dos séculos XIII a XV). Insere-se, portanto, no contexto histórico do período medieval.

Dessa amostra, obtivemos 41 dados em que foram detectadas as formas *haver/ter* mais participio passado com acepção de antepretérito. Pode parecer curioso o fato de haver somente 41 dados em 1680 cantigas, mas estamos em viés analítico verticalizado, considerando-se uma função específica, a de antepretérito, mais distante temporalmente em relação ao momento de fala, portanto, menos usual na amostra sob análise, cujas referências temporais mais se voltam ao centro dêitico. Relativamente à forma, estamos em busca de indícios de gramaticalização, assim sendo não são quaisquer usos de *haver/ter* e de verbos no participio que nos interessam, ou seja, não os analisamos isoladamente, mas combinados em um mesmo enunciado. Agrega-se a isso o fato de estarmos diante de um processo de gramaticalização, mais especificamente de sua emergência, portanto, poucos usos são mesmo esperados, já que uma estrutura não se gramaticaliza abruptamente. Todo processo é gradual. Da mesma forma que tratar de um fenômeno residual tem seu mérito por mostrar sua resistência ao longo do tempo, também o tem o tratamento de estágios primeiros de um processo que veio a consolidar-se em português (uso da forma composta para expressão do antepretérito). Por um ou outro viés, há uma considerável empreitada de retratar parcelas históricas, cujo reflexo pode ser visto na atual configuração gramatical do português.

## 2. Expressão de antepretérito por estruturas compostas: *tipos de construção, competição entre “haver” e “ter” e ocorrências por tipo de cantiga*

Os dados de *haver/ter* mais participio expressando antepretérito, provenientes de cantigas medievais galego-portuguesas, estão divididos em cinco grupos, os quais ilustramos a seguir. Note-se que tais usos se referem a uma situação passada anterior a outra também passada expressa no trecho sob análise: (i) “dado havia” em relação a “acordou”; (ii) “houvesse aguisado” em relação a “iria”; (iii) “há jurado” em relação a “foi”; (iv) “tive guisado” em relação a “foi” e (v) “houvesse pagada” em relação a “ia”.

### I. *Haver/ter* no imperfeito do indicativo mais participio neutro:

(06) Ca, se per seu grado foss', al seria;/ mais daquesto nunca m'enfingirei,/ ca hoje verdadeiramente o sei/ que per seu grado nunca mi o daria;/ mais, u estava coidando em al, / deu-mi um gram peid'e foi-lhi depois mal, / u s'acordou que mi o **DADO HAVIA**. {Cantiga de Escárnio e Maldizer: Moitos s'enfingem que ham gaanhado, linhas 8-14}

### II. *Haver/ter* no imperfeito do subjuntivo mais participio neutro:

(07) Que alongad'eu ando d'u iria, / se eu **HOUVESSE AGUISADO** d'ir i, / que viss'a dona que veer querria, / (que nom visse! ca por meu mal a vi!) / de que m'eu mui sem meu grado parti / e mui coitad'; e foi-s'ela sa via / e fiquei eu, que mal dia naci! {Cantiga de Amor: Que alongad'eu ando d'u iria, linhas 1-7}

### III. *Haver/ter* no presente do indicativo mais participio neutro:

(08) Foi-s'agora meu amig'e por en / **HÁ**-mi **JURADO** que polo meu bem / me quis e quer mui melhor doutra rem; / mais eu bem creo que nom est assi, / ante cuid'eu que moira el por mi / e eu por el, em tal hora o vi. {Cantiga de Amigo: Foi-s'agora meu amig'e por en, linhas 1-6}

### IV. *Haver/ter* no pretérito perfeito do indicativo mais participio neutro:

(09) Depoi'lo **TIV**'eu **GUISADO** /que s'el foi daqui sanhudo, /e atendi seu mandado / e non'o vi, e perdido / é comigo, e alá x'ande / sanhud'e nom mi o demande; / quant'el quiser, atant'ande / sanhud'e nom mi o demande. {Cantiga de Amigo: Assanhou-s'ó meu amigo, linhas 17-24}

### V. *Haver/ter* em qualquer tempo mais participio em feminino/plural:

(10) Vejo-vos jazer migo muit'aguada, / Luzia Sánchez, porque nom fodo nada; / mais se eu vos per i **HOUVESSE PAGADA**, / pois eu foder nom posso, peer-vos-ia. {Cantiga de Escárnio e Maldizer: Luzia Sánchez, jazedes em gram falha, linhas 7-10}

Na tabela (1) abaixo, apresentamos o quantitativo de cada uma das formas verbais ilustradas acima. Como mostram os dados, há mais casos de *haver/ter* no presente do indicativo mais participio (15 dados, totalizando 36,6% da amostra) do que de imperfeito e perfeito do indicativo mais participio (ambos com 9 dados), usos mais esperados, tendo em vista que foi o uso de *haver/ter* no imperfeito do indicativo que se gramaticalizou como pretérito mais-que-perfeito composto, ademais de ser o uso de

perfeito mais participio uma estrutura corrente no período medieval. Conforme observa Silveira Bueno (1995), o perfeito anterior (*haver/ter* no pretérito perfeito mais participio), cuja vitalidade foi evidente entre o final do século XII até meados do século XVI, deixou de ser utilizado no português clássico.

**Tabela 1:** Correlação entre forma verbal e expressão de antepretérito

Forma verbal	Aplicação/Total	Percentual
<i>Haver/ter</i> no imperfeito do indicativo mais participio neutro	9/41	22.0
<i>Haver/ter</i> no imperfeito do subjuntivo mais participio neutro	4/41	9.7
<i>Haver/ter</i> no presente do indicativo mais participio neutro	15/41	36.6
<i>Haver/ter</i> no perfeito do indicativo mais participio neutro	9/41	22.0
<i>Haver/ter</i> em qualquer tempo mais participio feminino/plural	4/41	9.7

**Fonte:** elaboração dos autores.

Após o mapeamento das formas verbais, observamos qual dos dois verbos (*haver* ou *ter*) era mais frequente, pois, em português, diferentemente de outras línguas românicas, o auxiliar preferido é *ter*, em vez de *haver*. Embora se considere que essa substituição de *haver* por *ter* vem da Idade Média, nos séculos XIII a XIV, a forma *default* era o verbo *haver*, fato que se confirma pelos resultados apresentados na tabela (2): *haver* aparece em 36 dados, o que corresponde a 87,8% da amostra, sobrepondo-se fortemente à ocorrência do verbo *ter* (5 dados, totalizando 12,2% da amostra).

**Tabela 2:** Variação entre “haver” e “ter” na expressão de antepretérito

Forma verbal	Perífrase de imperfeito do indicativo mais participio neutro	Perífrase de imperfeito do subjuntivo mais participio neutro	Perífrase de presente do indicativo mais participio neutro	Perífrase de perfeito do indicativo mais participio neutro	Perífrase verbal com participio em feminino/plural	Total
<i>Haver/Ter</i> <i>Haver</i>	9	3	12	8	4	36
<i>Ter</i>	0	1	3	1	0	5
<i>Total</i>	9	4	15	9	4	

**Fonte:** elaboração dos autores.

Os dados mostraram-se relativamente equilibrados entre os tipos de cantiga, como se pode confirmar na tabela (3), havendo mais ocorrências em cantigas do gênero de escárnio e maldizer (14 dados). Em seguida, foram observados 11 dados relativos às cantigas de amigo e 10 relativos às cantigas de amor. Gêneros menores somaram 6 dados.

**Tabela 3:** Correlação entre forma verbal e tipo de cantiga

Forma verbal Tipo de cantiga	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do indicativo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do subjuntivo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> no presente do indicativo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> no perfeito do indicativo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> em qualquer tempo mais particípio feminino/ plural	Total
Amor	1	2	6	1	0	10
Amigo	2	0	4	5	0	11
Escárnio/ Maldizer	4	2	4	1	3	14
Outros	2	0	1	2	1	6
<i>Total</i>	9	4	15	9	4	

Fonte: elaboração dos autores.

### 3. Emergência e gramaticalização de estruturas compostas para a expressão do antepretérito: *restrições morfossintáticas e semânticas*

Para detectar contextos propícios ou restritivos à gramaticalização das estruturas compostas por *haver/ter* mais particípio, investigamos os dados mediante quatro parâmetros: dois referentes à seleção argumental de *haver/ter* (primeiro e segundo argumentos), um referente à combinação entre *haver/ter* e particípio e outro referente às marcas morfológicas de concordância no particípio. Os resultados de cada análise estão detalhados na sequência, por meio de resultados quantitativos, expostos nas tabelas de (4) a (7). Para cada parâmetro analítico, são especificados os fatores que o integram, bem como são apresentados exemplos advindos da amostra. Ademais, tecemos correlações aos pressupostos teóricos (princípios de gramaticalização) e contrapomos nossos resultados ao estado da arte sobre o tema.

Pautamos nossas considerações sobre os resultados em pressupostos funcionalistas, especificamente nos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991): estratificação (emergência e coexistência de camadas), divergência (permanência da forma lexical como elemento autônomo e como forma gramaticalizada), especialização (estreitamento de escolhas formais), persistência (traços do significado lexical e detalhes da história lexical de um item podem ser refletidos em sua nova distribuição gramatical) e decategorização (perda ou neutralização de marcas morfológicas e/ou privilégios sintáticos característicos das categorias lexicais).

#### 3.1. Seleção argumental de HAVER/TER (primeiro argumento)

Trata-se, a partir desse parâmetro, dos sujeitos expressos em estruturas com *haver/ter* mais particípio. Observamos, especificamente, se possuem o mesmo sujeito, ou seja, se o primeiro argumento de *haver/ter* equivale ao primeiro argumento do particípio, fato que indicaria a emergência de uma forma composta por seleção argumental idêntica (Ele tinha conquistado um castelo/uma

aldeia/dois castelos/duas aldeias. – Ele possuía e ele conquistou). No entanto, quando *haver* e *ter* são verbos plenos, podem selecionar objetos, os quais, por sua vez, seriam os “sujeitos” participiais em estrutura verbo-nominal, como em: ‘Ele tinha um castelo conquistado/ uma aldeia conquistada/ dois castelos conquistados/ duas aldeias conquistadas.’ – Ele possuía algo que foi conquistado. Assim, os dados foram agrupados de acordo com as seguintes proposições: (a) o sujeito de *haver/ter* coincide com o sujeito do particípio (*O cavaleiro havia [x] voltado*, por exemplo); (b) o sujeito de *haver/ter* não coincide com o sujeito de uma estrutura predicativa de particípio (*Helena havia bom conselho recebido*, por exemplo) ou (c) não há seleção de primeiro argumento pelos verbos *haver/ter* (*Havia chovido*, por exemplo).

Não houve, na amostra, casos sem primeiro argumento; houve, entretanto, considerável diferença, conforme tabela (4), entre estruturas nas quais há coincidência argumental, como no exemplo (11), e estruturas em que não houve coincidência, conforme exemplo (12).

- (11) Joam Bol’anda mal desbaratado / e anda trist’e faz muit’aguizado, / ca perdeu quant’**HAVIA GANHADO** / e o que lhi leixou a madre sua: (...) {Cantiga de Escárnio e Maldizer: Joam Bol’anda mal desbaratado, linhas 1-4}
- (12) mais, u estava cuidando em al, / deu-mi um gram peid’e foi-lhi depois mal, / u s’acordou que mi o **DADO HAVIA**. {Cantiga de Escárnio e Maldizer: Moitos s’enfingem que ham gaanhado, linhas 12-14}

**Tabela 4:** Correlação entre forma verbal e seleção de primeiro argumento na expressão de antepretérito

Forma verbal / Primeiro argumento	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do indicativo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do subjuntivo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> no presente do indicativo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> no perfeito do indicativo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> em qualquer tempo mais particípio feminino/plural	Total
Coincidência	1	2	3	1	0	7
Sem coincidência	8	2	12	8	4	34
Sem argumento	0	0	0	0	0	0
Total	9	4	15	9	4	

**Fonte:** elaboração dos autores

A análise da seleção argumental mostra-nos um estágio bem inicial do processo de gramaticalização, pois, de acordo com Benveniste (1966), um dos contextos favoráveis ao desenvolvimento das formas compostas a partir de *haver* é a igualdade de sujeito, ou seja, o sujeito do particípio é igual ao sujeito de *haver*. Desse modo, as formas *haver/ter* e particípio tendem a aproximar-se, fundindo-se em significação temporal de antepretérito.

### 3.2. Seleção argumental de HAVER/TER (segundo argumento)

Investigamos, na sequência, se *haver* e *ter* já ocorrem sem argumento interno, ou seja, sem um objeto (2º argumento) indicativo de posse material ou, havendo tal objeto, se representaria posse inalienável, como etapa intermediária do processo de gramaticalização (posse material > posse metafórica > ausência do objeto possuído). Dessa guisa, os fatores sob análise estão assim distribuídos: a) o 2º argumento indica posse material (*Havia o castelo cercado*, por exemplo); (b) o 2º argumento indica posse inalienável (*Havia um ensinamento recebido*, por exemplo) ou (c) não há um candidato para a posição de 2º argumento (*[Já fazia quase um século] que ele havia nascido*, por exemplo).

Conforme nos mostra a tabela (5), foram detectados nove casos em que *haver/ter* indicam posse material, conforme exemplo (13). Entretanto, os números brutos evidenciam maior quantidade de casos em que *haver/ter* expressam posse inalienável, conforme exemplo (14), uma etapa intermediária do processo de mudança em direção à gramaticalização da forma composta. Houve, ainda, sete casos em que não há um candidato para a posição de 2º argumento, conforme exemplo (15), fator que evidencia ainda mais a gramaticalização.

- (13) E por levá'la quitaçom dobrada / se [me] queixou; e catei u jazia / eno padrom, e achei que **HAVIA** / de todo bem sa quitaçom [*recibo de pagamento*] **LEVADA**; (...) {Cantiga de Escárnio e Maldizer: Cirola vi [eu] andar-se queixando, linhas 15-18}
- (14) El andava trist'e mui sem sabor, / come quem é tam coitado d'amor, / e **PERDUD'**[**HÁ**] o sem e a color, / pero / quando me viu, disse-mi assi: / "Ai senhor, ide rogar mia senhor, / por Deus, que haja mercee de mi." {Cantiga de Amigo: O voss'amig', amiga, vi andar, linhas 7-12}
- (15) Que alongad'eu ando d'u iria, / se eu **HOUVESSE AGUISADO** d'ir i, / que viss'a dona que veer querria (...) {Cantiga de Amor: Que alongad'eu ando d'u iria, linhas 1-7}

**Tabela 5:** Correlação entre forma verbal e seleção de segundo argumento na expressão de antepretérito

Forma verbal \ Segundo argumento	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do indicativo mais participio neutro	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do subjuntivo mais participio neutro	<i>Haver/ter</i> no presente do indicativo mais participio neutro	<i>Haver/ter</i> no perfeito do indicativo mais participio neutro	<i>Haver/ter</i> em qualquer tempo mais participio feminino/plural	Total
Posse material	3	0	2	1	3	9
Posse inalienável	5	2	10	7	1	25
Sem argumento	1	2	3	1	0	7
<i>Total</i>	9	4	15	9	4	

**Fonte:** elaboração dos autores.

Na seleção do segundo argumento de *haver/ter*, vemos, outrossim, predominância da noção de posse inalienável, como em (14), mas também casos em que não há um candidato para objeto de *haver/ter*, como em (15). Corroborando as observações de Olbertz (1993) e Ribeiro (1996), também consideramos esses usos como indícios de emergência da forma composta de expressão do antepretérito. Para as autoras, a mudança começa quando *haver/ter* passam a ser usados para posses inerentes, mas o primeiro passo para a gramaticalização é refletido em construções em que não há um candidato para a posição de segundo argumento, reduzindo, portanto, o significado de *haver/ter* como um predicado de dois lugares, expressando uma relação de posse entre o primeiro e o segundo argumentos, como ocorre em (13). Pereira (1923, p. 463) observa que, a partir do século XVI, em alguns contextos, *ter* e *haver* foram esvaziando-se de sentido (sentido de posse). Desse modo, foram pouco a pouco entrando na categoria dos auxiliares, mas conservando seu valor original, quando não se achavam em conjunção com o particípio passado e com o infinitivo. Nossos achados remontam tal emergência para um período anterior, pois os dados são dos séculos XIII a XV.

### 3.3. Tipo de combinação entre HAVER/TER e particípio

Averiguamos as combinações entre *haver/ter* e particípio, considerando-se três critérios: (a) combinação com particípio cujo significado contradiz a noção de posse (*tinha perdido*, por exemplo); (b) combinação de *haver/ter* com eles mesmos (*havia havido/tinha tido*, por exemplo) ou (c) combinação com outro tipo verbal (*havia escrito*, por exemplo). Foram detectadas nove combinações que contradizem a noção de posse, conforme exemplo (16), ao passo que a maioria dos casos (32 dados) mostra combinações de *haver/ter* com outro tipo de verbo, como ilustrado em (17). Não houve, entretanto, combinação de *haver/ter* com eles mesmos, conforme se observa na tabela (6) abaixo.

- (16) Ante me quis leixar perder o sem / por vós, senhor; des i soub'alongar / meu bem, que era em mi a morte dar, / e quis que já sempre eu vivess'assi, / em gram coita como sempre vivi, / e que m'**HOUVESSE PERDUDO** meu sem. {Cantiga de Amor: Que pret'esteve de me fazer bem, linhas 7-12}
- (17) Que amor tam astroso e tam delgado, / quen'ó **TEVESS[E]** um ano **SOTERRADO!** {Cantiga de Escárnio e Maldizer: Ai amor, amore de Pero Cantone, linhas 21-26}

**Tabela 6:** Correlação entre forma verbal e tipo de combinação na expressão do antepretérito

Forma verbal \ Tipo de Combinação	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do indicativo mais participípio neutro	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do subjuntivo mais participípio neutro	<i>Haver/ter</i> no presente do indicativo mais participípio neutro	<i>Haver/ter</i> no perfeito do indicativo mais participípio neutro	<i>Haver/ter</i> em qualquer tempo mais participípio feminino/plural	Total
Contradição	4	1	1	2	1	9
Igual	0	0	0	0	0	0
Outro	5	3	14	7	3	32
<i>Total</i>	9	4	15	9	4	

**Fonte:** elaboração dos autores.

No que diz respeito ao tipo de combinação entre os verbos, apesar de a maioria das ocorrências evidenciarem uma combinação com um tipo verbal diferente de *haver/ter* ou que não contradiz a noção de posse, conforme ilustramos em (17), flagramos combinações que contradizem tal noção, como demonstramos em (16), estando em evidência mais um indício de gramaticalização da forma composta. De acordo com Olbertz (1993), se *haver/ter* denotam uma relação de posse entre o primeiro e o segundo argumentos, não podem estar combinados com participípio cujo significado contradiz a noção de posse (*perder/dar*, por exemplo) nem com eles mesmos, o que justificaria a falta de ocorrência de estruturas como “*ter tido*” e “*haver havido*”, já que, quando passam a aceitar tais combinações, o elemento marginal do predicado (participípio) torna-se mais proeminente, assim quanto mais o participípio ganha proeminência, menos proeminente fica o outro verbo.

### 3.4. Marcas morfológicas no participípio

Examinamos, ainda, marcas morfológicas indicativas de concordância entre o participípio e o argumento de *haver/ter*, de acordo com quatro critérios, para detectar traços de gramaticalização da forma composta: (a) presença de marcas de gênero feminino e/ou número plural (*Havia as graças recebidas, por exemplo*); (b) forma neutra (masculino/singular) em concordância com o argumento selecionado por *haver/ter* (*Havia o mal feito, por exemplo*); (c) forma neutra (masculino/singular) sem concordância com o argumento selecionado por *haver/ter* (*Havia a desonra recebido, por exemplo*) ou (d) supressão das marcas morfológicas finais do participípio (*Havia feit'isso, por exemplo*).

Conforme a tabela (7), há, na amostra, dois casos em que há marca de feminino, conforme exemplo (18), dois em que há marca de plural, como em (19), e seis casos de supressão, como em (20), quando não é possível saber se o autor estaria usando a forma do participípio com marcas explícitas de feminino e/ou plural, ou se já estaria utilizando a forma neutra. Essa forma neutra foi detectada na maioria dos casos, havendo equilíbrio entre a forma neutra em concordância (16 casos), conforme exemplo (21), e sem concordância (15 casos), conforme exemplo (22), o que também aponta para o processo de gramaticalização da forma composta.

- (18) Vejo-vos jazer migo muit'aguada, / Luzia Sánchez, porque nom fodo nada; / mais se eu vos per i **HOUVESSE PAGADA**, / pois eu foder nom posso, peer-vos-ia. {Cantiga de Escárnio e Maldizer: Luzia Sánchez, jazedes em gram falha, linhas 7-10}
- (19) Que panos perdi de peso / e outros bem bastoados / que m'**HAVIAM** já **MANDADOS!** {Cantiga de Escárnio e Maldizer: Dom Foão, em gram cordura, linhas 13-15}
- (20) Um dia que vi mia senhor / quis-lhe dizer o mui gram bem / que lh'eu quer'e como me **TEM / FORÇAD'**e preso seu amor; / e vi-a tam bem parecer / que lhe nom pude rem dizer. {Cantiga de Amor: Um dia que vi mia senhor, linhas 1-6}
- (21) E se mais d[e] oito dias nom som / que de mia senhor foi alongado, / forte preito **TENHO COMEÇADO**, / pois m'oitto dias foi tam gram sazom! {Cantiga de Amor: Estes com que eu venho preguntei, linhas 19-22}
- (22) (...) pois me deu por en mui grand'afã e desej'e cuidado que **HOUVI** dela, poila vi, **LEVADO**, / [e] per que viv', amigos, na maior / coita do mundo, ca, mao pecado!, / sempr'eu houve por amar desamor; / de mia senhor tod'este mal me vem, / [e] al me fez peor, ca me fez quem / servo servir e nom seer amado por en; (...) {Cantiga de Amor: Muitos me dizem que servi doado, linhas 8-14}

**Tabela 7:** Correlação entre forma verbal e marcas morfológicas na expressão do antepretérito

Forma verbal Marcas Morfológicas	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do indicativo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> no imperfeito do subjuntivo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> no presente do indicativo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> no perfeito do indicativo mais particípio neutro	<i>Haver/ter</i> em qualquer tempo mais particípio feminino/ plural	Total
Feminino/ Plural	-	-	-	-	4	4
Neutro (Masculino/ Singular – Com concordância)	5	3	6	2	-	16
Neutro (Masculino/ Singular – Sem concordância)	2	1	5	7	-	15
Supressão	2	0	4	0	-	6
Total	9	4	15	9	4	

**Fonte:** elaboração dos autores

Quanto às marcas morfológicas, notamos que o processo de gramaticalização já se encontrava em andamento, haja vista que a maioria dos casos apontaram para as formas neutras do particípio (masculino/singular). Todavia, detectamos o particípio em sua estrutura adjetival, uma vez que os dados nos mostraram formas no feminino e no plural. A propósito dos achados, os dados em concordância ainda eram mais usuais na época medieval (localizamos 20 dados), mas foram, pouco a pouco, neutralizando-se, conforme evidenciamos via uso do particípio neutro sem concordância (15 dados).

Ademais dos três fatores (neutro com concordância, neutro sem concordância e morfologicamente marcado por feminino ou plural), houve necessidade de instituímos mais um fator para contextos como o de (20), em que não era possível identificar marcas morfológicas da terminação participial, somando-se 6 dados neste caso. Ressaltamos que, em relação ao fator das marcas morfológicas, houve casos em que não foi possível reconhecer a concordância explicitamente, uma vez que, como mostra o exemplo (23), o segundo argumento aparecia em forma pronominal, impossibilitando a identificação do gênero referente ao objeto. Inferimos, nesses casos, a concordância da forma participial pelo tipo de cantiga, haja vista que, nas amostras em que isso aconteceu, o gênero do eu lírico seria uma característica inerente à tipologia do texto, como ocorre em (23), dado proveniente de uma cantiga de amigo (cantiga em voz feminina).

- (23) Foi-s'agora meu amig'e por en / **HÁ**-mi **JURADO** que polo meu bem / me quis e quer mui melhor doutra rem; (...) {Cantiga de Amigo: Foi-s'agora meu amig'e por en, linhas 1-6}

Cumpramos destacar que Mattos e Silva (2001) observara também, no português arcaico, mais usos de particípio concordando com o complemento de *haver/ter*, embora a variação já aparecesse documentada, difundindo-se a interpretação de estrutura de tempo composto do século XV para o século XVI. Atesta também Lorenzo (1995) que, na época medieval, o particípio geralmente concorda com o objeto, mas *ter* pode já ser visto como auxiliar em alguns casos. Além da perda de concordância, as duas formas aparecem lado a lado, e, quando há uma palavra no meio, conforme Olbertz (1993), é geralmente um clítico (uma palavra de pouca proeminência prosódica).

### 3.5. Articulação entre resultados e princípios de gramaticalização

Detalhados e aplicados os fatores sob análise, nossos dados demonstram indícios de gramaticalização que se coadunam aos princípios propostos por Hopper (1991): *estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização*. Sendo a gramática um sistema adaptativo (DU BOIS, 1984), é natural que ocorra a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma” (MEILLET, 1965 [1912], p. 131); neste caso, em particular, *haver/ter* plenos passam a ocorrer como meros auxiliares de um particípio que encerra a noção verbal. Segundo Ribeiro (1996, p.367), “pode-se considerar que a perda de restrição do traço mais transitivo dos particípios é evidência clara da reanálise de *haver* como verbo auxiliar”. As construções em que o particípio é adjetival ficam, portanto, menos frequentes, mas não são eliminadas da língua. O que geralmente ocorre é

ambiguidade, ou seja, duas leituras são possíveis, por exemplo, “...*havia escondido o tesouro*” ou “...*havia o tesouro escondido*”, tema que consideramos relevante para desdobramento da pesquisa.

De acordo com Givón (1991), no processo de gramaticalização, as mesmas unidades de codificação podem ser usadas para diferentes funções (uma forma – *haver/ter* mais particípio para duas funções: antepretérito e posse mais objeto possuído caracterizado por particípio adjetival). O mais comum, entretanto, é ocorrer uma modificação estrutural para o desempenho de uma nova função (mesmo sujeito, ausência de objeto possuído, combinação com particípio que contradiz a noção de posse e particípio neutro, no caso em pauta neste artigo). Essas observações acoplam-se à perspectiva de Heine e Reh (1984), para quem a gramaticalização é um processo no qual há perdas, por exemplo, de complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética. Ademais, podemos aludir ao conceito de gramaticalização proposto por Traugott e König (1991), como um processo histórico em que itens lexicais adquirem novo status morfossintático, codificando novas ou diferentes relações.

Dos resultados, destacamos, inicialmente, a coexistência de camadas: (i) usos de *haver/ter* plenos e auxiliares; (ii) usos do particípio neutro e com marcas explícitas de concordância e (iii) variação entre *haver/ter*. Tais achados evidenciam, portanto, o princípio da *Estratificação*. Paralelamente, observa-se o princípio da *Divergência*, já que *haver/ter* permanecem no sistema, como elementos autônomos (por seleção de dois argumentos – sujeito e objeto) e como formas gramaticalizadas (casos em que houve a perda do segundo argumento, provocando, por conseguinte, a coincidência entre sujeitos de *haver/ter* e particípio). Paulatinamente, também, amplia-se a noção de posse: de bens adquiríveis materiais para posse de bens ou qualidades adquiríveis imateriais, até chegar a estruturas em que a posse é uma qualidade inerente, não transferível do possuidor, conforme Mattos e Silva (1995) e Osório (2008).

O princípio da *Especialização* pode ser ilustrado por estreitamento de escolhas formais: ao encaminharem-se para a expressão temporal da forma composta de mais-que-perfeito, *haver/ter* passaram a comportar-se, também, como auxiliares de outros verbos, especializando-se para a construção de tempos compostos. Mesmo especializando-se para a codificação de tempos compostos, observa-se *Persistência*, pois traços do significado lexical e detalhes da história lexical persistem, tendo em vista ocorrências como: “*tinha cercado os inimigos/ tinha os inimigos cercados*”.

Por fim, observamos *Decategorização*, ou seja, perda ou neutralização de marcas morfológicas flexionais do particípio, além da falta de concordância entre as formas participiais e o segundo argumento (direcionando-se ao uso neutro, no masculino/singular), bem como perda de privilégios sintáticos característicos das categorias lexicais, especificamente em relação à seleção argumental, pois *haver/ter* passaram a não mais selecionar um segundo argumento indicando posse material. Primeiramente ocorreu metaforização (selecionavam argumento correspondente a posse inalienável); por fim, passaram a não mais selecionar um segundo argumento, processo que conduziu, paralelamente, ao esvaziamento semântico de *haver/ter*; deslocando-se a proeminência ao particípio, o que consolidou a formação de tempos compostos.

## Considerações finais

Em perspectiva analítica do presente ao passado, observamos que o uso de *haver/ter* mais participio como forma composta foi consolidado gradualmente, razão pela qual investigamos um recorte temporal, o do galego-português, em busca de indícios de emergência dessa forma composta. Assim, situamo-nos em duas vias analíticas. Primeiramente, voltamos ao passado para iluminar o presente. Como observa Faraco (1998, p. 121), “o atual estado de coisas teve uma gênese”; se buscamos “no ontem a raiz do hoje”, retrazendo “o fluxo histórico”, tornam-se mais compreensíveis configurações gramaticais atuais. Paralelamente, por fixarmo-nos em uma sincronia passada, datada e documentada, situamo-nos também na perspectiva da Linguística Histórica *lato sensu*, nos termos de Mattos e Silva (1999).

Todo esse panorama expande os estudos gramaticais do Português, especialmente em relação à história da configuração das estruturas compostas. Os parâmetros de análise propostos mostram indícios do processo gramaticalização, retratando seus primórdios, desde contextos favoráveis à implementação da estrutura composta de antepretérito até aqueles que se configuraram como contextos de resistência das reverberações das formas compostas. Nossas constatações propiciam, portanto, mais conhecimento sobre processos de mudança linguística.

## Referências

- BELLO, Andrés. *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Madrid: EDAF, [1847] 1984.
- BENVENISTE, Emile. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo: Editora Nacional, 1966.
- CASTRO, Ivo. *Sete Ensaios sobre a obra de J. M. Piel*. Lisboa: Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, 1988, p. 201.
- COAN, Márluce. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito*. 1997. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- COAN, Márluce. *As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. 2003. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- COAN, Márluce; LIMA, Ester Vieira; SAMPAIO, Mariana Freire. Um retrato do pretérito mais-que-perfeito de 1887 a 2012. *D.E.L.T.A.*, v. 35-2, pp. 1-26, 2019.
- DUBOIS, John. Competing Motivations. In: HAIMAN, John (org.). *Typological Studies in Language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1984. pp. 229-40.
- FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*. São Paulo: Ática, 1998.
- FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, pp. 127-255, 1996.

- FREITAG, Raquel Meister Ko.; OLIVEIRA, Josane Moreira; COAN, Márluce. Formas simples e perifrásticas do verbo em relação ao domínio tempo-aspecto-modalidade. In: CASTILHO, Ataliba; LOPES, Célia Regina (orgs.). *Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista* (Coleção história do Português Brasileiro, Vol. IV). 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018. pp. 186-239.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar: a prospectus*. University of Oregon, 1991.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Falara-se mais-que-perfeito: estudo presente do tempo pretérito. *ALFA*, v. 37, São Paulo, pp. 135-42, 1993.
- HEINE, Bernd; REH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HOPPER, Paul. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1991.
- ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LASS, Roger. *On explaining language change*. New York: Cambridge, 1980.
- LOPES, Graça Videira et al. *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011. Disponível em: <http://cantigas.fcs.unl.pt>. Acesso em: 13 jan. 2021.
- LORENZO, Ramón. Galegische Koine. In: HOLTUS, Günter; METZELTIN, Michael; SCHMITT, Christian. (eds.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Volume II. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1995, pp. 649-79.
- MARTINS, Kellen Cozine. A variação entre o pretérito mais-que-perfeito simples e composto em textos jornalísticos. *Diadorim*, v. 8, pp. 15-30, 2011.
- MARTINS, Kellen Cozine. *A expressão variável da anterioridade a um ponto de referência passado na escrita midiática*. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- MATTOSE SILVA, Rosa Virgínia. A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro. *Boletim da ABRALIN*, v. 17, pp. 73-85, 1995.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Orientações atuais da Lingüística Histórica brasileira. *D.E.L.T.A.*, v. 15, Número Especial, pp. 147-66, 1999.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001.
- MEILLET, Antoine. L'Évolution des Formes Grammaticales. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. 6o. ed. Paris: Honoré Champion, 1965. pp. 130-48.
- MONTEAGUDO, Henrique. A Galiza e o espaço linguístico-cultural de expressão portuguesa. In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide; SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Ariadne; RIBEIRO, Silvana (orgs.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. pp. 51-64.
- OLBERTZ, Hella. The grammaticalization of Spanish haber plus participle. In: MARLE, Jaap. van. *Historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1993. pp. 243-63.

OSÓRIO, Paulo. Linguística histórica e história da língua. Aportações teóricas e metodológicas. *I SIMELP*. USP, 2008. Disponível em: <http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S401.pdf>

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Histórica*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & cia, 1923.

RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. pp. 343-86.

SILVEIRA BUENO, Francisco. *A Formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; KÖNIG, Ekkehard. The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. In: *Approaches to Grammaticalization*, v. 1, Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1991.

VASCONCELOS, Carolina Michaëllis. *Cancioneiro da Ajuda*. Vol. II, Lisboa, Imprensa nacional - Casa da Moeda (reimpressão da edição de Halle, 1904), 1990.